

Referência:

"GÊNEROS TEXTUAIS NO CONTEXTO DIGITAL & EDUCACIONAL" de Ediléa Félix CORRÊA, consultado em 03/05/2011, disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/44.pdf>

GÊNEROS TEXTUAIS NO CONTEXTO DIGITAL & EDUCACIONAL

Ediléa Félix CORRÊA

LAEL – (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

ABSTRACT: My intention, in this article, is focusing some characteristics of digital genres that are circulating in the Internet and adopted by educational pedagogical practices. What does characterize these virtual genres in the educational context? Our purpose in this study is investigating the concepts and parameters that guide the typology of this language phenomenon, facing the impact it causes at the digital reading and English language learning. Anchored in the Halliday's functional systemic linguistics theories, which has its focus at the language as a meaning system, this study implies characterizing the language found in the several types of texts of the educational field, specifically in the English language learning via network. That is, our purpose is a relevant study of the aspects that characterize these digital genres, under the reading and writing perspectives, to build a better familiarization of the teachers with the many resources can be used in the teaching and learning process.

KEYWORDS: text; genre; internet.

Muito se falam em gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital, gêneros virtuais ou digitais, os quais possuem características muito semelhantes à dos gêneros já conhecidos tradicionalmente, nas várias formas de comunicação e na prática da linguagem escrita da sociedade.

No contexto educacional, o uso do computador e a familiaridade desses gêneros pelos professores tem sido questões a serem pesquisadas e estudadas. O uso das ferramentas computacionais que envolvem a prática de leitura e escrita dos discursos, chamados de eletrônicos (Paiva, 2001; Marcuschi, 2002; Xavier, 2002) requer conhecimento e prática, os quais, pode-se dizer, são precários nas atividades diárias dos professores de modo geral. Por isso, as questões que direcionarão este artigo a respeito destes gêneros, tornaram-se polêmica entre muitos pesquisadores, a saber: Que propriedades têm os gêneros digitais? O que os distingue dos já existentes na linguagem do dia-a-dia? De que maneira eles contribuem para o letramento digital dos professores? Essas questões não serão respondidas na íntegra, mas tentarei dar apenas uma visão de como os avanços tecnológicos, numa evolução desenfreada nessas últimas décadas, trouxeram mudanças significativas na configuração de práticas de leitura e escrita, causando um novo tipo de letramento, nesse novo ambiente.

Os gêneros digitais demonstram uma transformação nos textos e na escrita do cotidiano das pessoas, os quais carregam em si, múltiplas semioses e um hibridismo entrem a modalidade oral e a escrita. O novo conceito de textos que surge tem caráter interativo e participativo, dando lugar ao que é conhecido como *hipertexto*, um tipo de texto virtual que traz consigo uma maneira diferente de comunicar, que envolve, não só os elementos textuais, mas também imagens, sons e links que transportam o leitor para diversos tipos de textos, possibilitando uma interação participativa e até mesmo colaborativa, dependendo do seu formato.

De acordo com a opinião de Xavier (2004:171), o hipertexto pode ser entendido como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. A presença de links nos hipertextos permite a interconexão com outras fontes de informação, tornando uma grande rede de relações e formações de significados dentro da esfera textual, estabelecendo uma ampla intertextualidade virtual.

Paiva (2006) observou, nas pesquisas de Shepherd e Walters (1999), que os gêneros são, geralmente, caracterizados pela forma e pelo conteúdo e que pouca atenção é dada à funcionalidade das mídias. Além da forma e conteúdo, o aspecto da funcionalidade, que se encontra na hipertextualidade, a interatividade, o tipo de acesso, é um fator que deve ser analisado ao se caracterizar o gênero e sua função. Que tipo de impacto esta nova forma de uso da linguagem exerce na sociedade?

Na concepção de Marcuschi (2002), que se dedica a estudos em Linguística Textual, o impacto das tecnologias digitais, na sociedade atual, se mostra com força suficiente tanto para construir como para destruir. Portanto, gêneros digitais tais como e-mail e chat, podem atuar como grandes incentivadores da educação ou meios de invasão de privacidade e até mesmo de crimes e clonagens de documentos para uso indevido. Gêneros tais como listas de discussão, aulas virtuais e video conferência, são caracterizados pela funcionalidade de tempo real da comunicação que pode ser alcançado por milhões de pessoas ao mesmo tempo, proporcionando maior interatividade.

A velocidade com que aparecem, a cada dia, novos meios de se comunicar por meio da internet ou outros equipamentos eletrônicos, faz com que os recursos linguísticos usados na comunicação, reunam neste meio, várias formas de expressão que incluem som e imagem, o que promove uma atração maior que os meios convencionais, como o telefone ou até mesmo a televisão, de repente pela maior privacidade que oferece.

Sob a perspectiva da teoria dos gêneros, é conveniente mencionar alguns conceitos para entendermos como a linguagem usada no contexto digital difere da convencional, praticada por tantos séculos. Como define Paiva (2004):

“gêneros textuais são como sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um continuum de oralidade e escrita, e configurados pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas”.

A teoria de gêneros, para Erickson (1998), tem caracterizado diversos tipos de escrita, leitura e outros tipos de mídia. Em seus estudos, ele propõe que o importante para entender um gênero é identificar as forças técnicas e sociais que produzem as regularidades que o caracteriza. Isso ocorre quando uns grupos de pessoas representam papéis numa comunidade discursiva. Os gêneros tradicionais têm uma marca de distância entre o produtor e o leitor, e a tendência é o lento desenvolvimento, uma condição que não ocorre no mundo digital. Os gêneros digitais, segundo Erickson, se caracterizam pelo potencial participativo e se desenvolve rapidamente.

Na voz de Richard Coe, Brooks (2002) aponta que os gêneros deveriam ser entendidos como “um processo social, arqueológico e ecológico”, o qual depende de situações únicas de professores e alunos. O pesquisador enfatiza a natureza ecológica dos gêneros e o processo social da escrita permite que os leitores entendam que todos os textos, inclusive os hipertextos, se constituem de um ou mais gêneros. Essa característica também encoraja os alunos a reinventar os gêneros e a driblar as convenções. Como Brooks mesmo afirma: “os gêneros são vivos, formas de vida e não simplesmente categorias mortas para serem aplicadas em textos finalizados”.

Os gêneros do discurso de Bakhtin, segundo Marcuschi (2002), seriam tipos relativamente estáveis de enunciados utilizados na comunicação. Bakhtin argumenta que dentro de uma dada situação linguística o falante/ouvinte produz uma estrutura comunicativa que se configurará em formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado, pois são formas marcadas a partir de contextos sociais e históricos. Em outras palavras, tais formas estão sujeitas a

alterações em sua estrutura, dependendo do contexto de produção e dos falantes/ouvintes que produzem, os quais atribuem sentidos a determinado discurso. A forma-padrão, no contexto digital, se transforma e passa por diversas alterações sem padrões, mas com características próprias de um meio que difere dos textos tradicionais.

Com referência às características dos gêneros, até então mais conhecidos como gêneros do discurso, eles são como formas-padrão de um enunciado que possuem um **conteúdo temático**, uma **estrutura compositiva** e um **estilo**. Conforme Costa Val (2003), os gêneros estabelecem pautas temáticas e formas típicas de tratamento do tema, à medida que, nas diferentes instâncias de uso da língua, se estabelecem diferentes expectativas quanto ao leque de assuntos pertinentes ou impertinentes, permitidos ou proibidos, e quanto ao grau de autenticidade, fidedignidade e exaustividade de sua abordagem. E também estabelecem padrões de estrutura compositiva, isto é, modos típicos de organização do texto quanto à composição dele e sua distribuição. Os gêneros também definem o estilo, orientando o processo de seleção de recursos lexicais e morfossintáticos no interior de cada frase e nas relações interfrasais.

No contexto digital, essas características permanecem presente nas variadas formas de **linguagem**, porém com a presença de novos elementos de interação e participação do leitor. Com o advento da informática, o conceito de texto parece continuar o mesmo, uma vez que pode tomar infinitas formas para continuar sendo um mecanismo de interação. O que muda são as formas de manifestação, novos gêneros textuais são criados em função de uma nova interface, novas formas de expressão são utilizadas, antigas são reutilizadas, mas o texto continua sendo instancia enunciativa, contrato entre autor e leitor.

1. TIPOLOGIA DOS GÊNEROS VIRTUAIS

A escrita eletrônica veio para substituir e complementar, mas não eliminar a escrita convencional. O que ocorre numa sociedade virtual é que a rapidez e praticidade desse meio propiciam maior interatividade. A cada dia surge um novo tipo de interação e novos gêneros que a própria natureza da tecnologia favorece. Os tipos variados já existentes irão, com certeza, dar lugar a outros que virão e com eles a necessidade de dar continuidade aos estudos e análises dos tipos inovadores.

Com base nos estudos de Marcuschi (2002), vimos que não são muitos os tipos de gêneros virtuais, inclusive, já existe a polêmica para se afirmar se um meio de comunicação, o blog, por exemplo, pode ser considerado um gênero. Não vou adentrar na discussão desse em particular, pois há várias características a serem analisadas nesse meio comunicativo. Ainda segundo Marcuschi, o hipertexto em si, não pode ser designado como um tipo de gênero, pois se trata de “um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas”. Os tipos de gêneros que esse pesquisador considera como os mais conhecidos e que podem estar consagrados pelas várias instigações ao longo dessa última década são:

1.1. E-MAIL: o termo se refere à correspondência eletrônica, ou correio eletrônico, como também é nomeado. Paiva (2004) apresenta um histórico sobre a transmissão de mensagens desde o século 190 A.C. e ainda, menciona as vantagens e desvantagens desse artefato cultural, como ela o chama. A principal característica do e-mail é o assincronismo das mensagens e o fato de possibilitar o envio de sons e imagens rapidamente. Esse gênero agrega características de alguns gêneros bem conhecidos de todos: da carta, do memorando, do bilhete, da conversa informal, das cartas comerciais e até mesmo de um telegrama. No

entanto, mesmo que haja a segurança do envio, pode ocorrer várias limitações que impeçam o retorno ou feedback da correspondência. O destinatário pode estar com sua caixa de correio lotado de mensagens lidas ou não lidas, ocasionando a recusa de outras novas. Paiva (2004) menciona algumas vantagens do correio eletrônico, essenciais na educação, que é o envio de textos, com vários tipos de dados, para várias pessoas ao mesmo tempo e as discussões de grupos de trabalhos numa forma de aprendizagem colaborativa entre comunidades do mundo inteiro. As desvantagens descritas pela autora são as mensagens tipo mala direta que chegam, sem solicitação, em caixas de correio particulares como uma invasão de privacidade. Algumas dessas mensagens podem ser inconvenientes e às vezes não possibilita o bloqueio de novos envios. Sem contar as mensagens que podem conter vírus, dificultando todo o sistema de comunicação e prejudicando a máquina, causando prejuízos para os usuários. Na educação, o e-mail é uma ferramenta que propicia a formação de inúmeras comunidades discursivas de diferentes culturas, promovendo a construção de novos conhecimentos.

1.2.CHAT: esse termo se refere ao original em inglês que significa conversa ou bate papo informal. Em contexto digital, via internet, denominamos bate-papo virtual. Tornou-se um dos mais populares gêneros praticado pelo mundo inteiro no dia-a-dia, principalmente por adolescentes. Certamente, por ser um sistema gratuito oferecido na internet, que permite uma interação sincrônica e simultânea, em tempo real, além de permitir que se interaja com várias pessoas ao mesmo tempo. Possui como característica, uma linguagem própria, repleta de abreviações e netiquetas, e ainda o uso de emoticons (Souza, 2002), que facilitam a digitação de maneira rápida, o que afasta alguns internautas adultos que tenham dificuldade de acompanhar as inovações e diferenças da linguagem convencional. As interações ocorrem em salas (aberta ou fechada) que podem ser escolhidas de acordo com o tema de interesse da conversa e de acordo com a faixa etária do participante. Em geral, não há uma identificação pessoal verdadeira e as pessoas usam um pseudônimo ou nickname (apelido) para se comunicar. Esse gênero, no contexto social, se revela um influente meio de comunicação nas relações interpessoais e todo cuidado é pouco, pois na maioria das vezes, esse procedimento leva os interlocutores a agirem como se estivessem no mundo da fantasia. No contexto educacional, a linguagem do chat ocorre com características do discurso face-a-face, em que os participantes, a partir de um tópico previamente escolhido para discussão, apresentam suas ideias, opiniões e argumentos. Crystal (2001:169) expressa sua opinião sobre essa prática conversacional, por meio de metáforas de cunho cômico. Ele diz que o chat se assemelha a uma “festa lingüística”, para onde levamos nossa “língua” ao invés de nossa “bebida”. Da mesma maneira, me disponho a brincar, fazendo referência a uma definição engraçada a respeito do chat, e diria que mais se parece uma “salada lingüística”. Por meio de projetos colaborativos, esta é uma maneira extremamente poderosa para tornar a educação baseada em projetos mais dinâmica e interessante. Ele, geralmente, reduz aspectos tais como: gênero, raça, deficiências e status, e reduz dicas da comunicação física (franzir de testa, entonação, etc..). Favorece uma participação mais igualitária por aqueles que freqüentemente são excluídos ou discriminados.

1.3.LISTAS DE DISCUSSÃO: grupo de pessoas com interesses específicos, também chamados de comunidades virtuais, que se comunicam de forma assíncrona, via e-mail, mediada por um responsável que organiza as mensagens e faz triagens. Enquanto no e-mail e no chat predominam a linguagem informal, nas listas de discussão, em geral, são discutidos tópicos acadêmicos, o que leva os participantes a usarem uma linguagem mais formal. A

característica mais comum entre esses gêneros é o uso intenso da linguagem escrita. No caso do e-mail e do chat, encontramos traços marcantes da linguagem oral, mas nas listas de discussão, há quem diga que sente falta da presença física, devido o discurso ser mais formal. Os temas da discussão, em geral, não são determinados pelo gerenciador da lista, mas podem ser encontrados num tipo de enquadre geral e podem ser discutidos pelos participantes. A principal característica da lista de discussões é a transmissão de informações sobre os tópicos da lista, úteis ao grupo, não permitindo mensagens pessoais ou de interesses individuais. Podemos classificar esse gênero como um mecanismo de grande aproveitamento no âmbito educacional, pois propicia a produção de conhecimento a partir de uma aprendizagem colaborativa numa abordagem construtivista.

1.4. VÍDEO CONFERÊNCIA INTERATIVA: A videoconferência consiste em uma discussão, em grupo ou pessoa-a-pessoa, na qual os participantes estão em lugares diferentes, mas com a vantagem de ver e ouvir uns aos outros como se estivessem em um mesmo local. Também permite a interação em tempo real em áudio e vídeo simultaneamente. Muitas empresas usam esse sistema para suas intercomunicações empresariais entre as várias localidades de suas empresas, porém, na educação ainda é de difícil acesso devido ao custo dos equipamentos necessários, como vídeo-câmara e uma conexão com grande largura e uma sala ambiente especial. Hoje, já existe a alternativa de videoconferências serem realizadas por meio de um simples software e hardware em computadores padrão, que chamam de conferência desktop. Uma outra alternativa mais simples é a audioconferência (Moore, 1998), que é realizada apenas com conexão de voz. O que não dispensa um gerenciamento especial e controle. A videoconferência possibilita uma série de aspectos favoráveis, segundo Santos (1998), como economia de tempo, economia de gastos com viagens longas, e ainda, por ser um recurso que permite gravação, torna-se importante para pesquisas e estudos posteriores. Há tipos de videoconferências que permite o compartilhamento de informações por meio de envio de arquivos, e ainda, sessões de chat pré-combinadas, possibilitando troca de experiências e conhecimento, de forma colaborativa. Dentre os tipos de videoconferências, esse pesquisador menciona a conferência ponto-a-ponto, que é realizada um-a-um; a conferência Multicast, que pode ser tanto em grupo como um-a-um. Cada tipo tem suas características, o que não é foco desse artigo, no momento. Vale acreditar, que no futuro, as condições de uso desse gênero possa ser adotado pelas escolas em ocasiões em que um palestrante longínquo possa nos apresentar seus conhecimentos por meio desse sistema, o qual traria grande aproveitamento no desenvolvimento profissional dos professores.

1.5. FÓRUM DE DISCUSSÃO: é um software que permite que uma pessoa envie mensagens a diversas outras de um determinado grupo que discute um assunto pré determinado. Para que isso ocorra, é preciso que um organizador da discussão inscreva os participantes numa lista (subscribe), com a devida identificação (que tipo de grupo, sobre o que se discute), que pode ser qualquer tópico que se pretenda trocar informações, opiniões, reflexões e conhecimento. Após essa inscrição, o participante recebe uma senha de **acesso** à lista. Aquele que desiste da discussão pode optar por cancelar sua inscrição (unsubscribe). A lista pode ser aberta (todos que quiserem podem participar), ou fechada (só participa quem o organizador da lista inscreveu previamente), e ainda, ser moderada (revisada pelo administrador do grupo, ou não). Nesse caso, as mensagens são enviadas imediatamente e automaticamente para os membros da lista. Essa tipo de comunicação é assíncrona e permite que, antes de enviar a mensagem, o autor reflita, faça correções, e envie com bastante convicção, suas idéias e percepções sobre o assunto. Uma vantagem desse sistema também é o fato de permitir a participação em chats previamente agendados pelo organizador, a qual permitirá a comunicação síncrona, que por sua vez,

auxiliará na resolução de problemas em tempo real, como se estivessem em uma sala de aula. No entanto, não deixa de ser diferente em alguns aspectos, levando em conta as diferenças individuais que podem influenciar o ritmo de participação de cada um. Também considerado como comunidades virtuais ou fóruns educacionais, o fórum é um gênero muito usado na educação e tornou-se um meio de grande participação entre estudantes, professores e acadêmicos pesquisadores, no qual o foco é a construção de novos conhecimentos. A grande vantagem, em termo de pesquisa, é que as mensagens ficam registradas para futuras análises das complexidades que implicam o uso da linguagem em variados contextos.

1.6. BLOG: termo reduzido de *weblog*. É um tipo de diário virtual público que contém informações específicas sobre uma determinada pessoa, lugar ou situação e que é usado para expressar idéias, opiniões e posição em face de determinado assunto. Também conhecido como “diários da internet”, com a característica de conter também imagens e links, e ainda a opção de fazer comentários ou críticas sobre o assunto, as imagens ou mesmo sobre o autor do blog (blogueiro). Por ter a forma de diário, pode ser atualizado diariamente e as postagens aparecem numa ordem cronológica reversa, ou seja, as primeiras postagens ocupam os últimos registros, com a data e hora decorrente e as últimas aparecem primeiras. Caracterizado por uma ampla gama de opções de formato, esse gênero foi rapidamente assimilado pelos adolescentes e jovens no mundo inteiro. No contexto educacional, ainda é uma prática pouco usada, apesar de oferecer muitas possibilidades de uso pedagógico. O blog pode ser uma ferramenta de grande eficácia no ensino e aprendizagem, propiciando um novo meio de comunicação entre professores e alunos. Pode ocorrer um maior nível de aproximação, melhorando as relações interpessoais, e ainda, possibilitar maior reflexão sobre as colocações de cada um. Pode também proporcionar uma conexão entre os falantes da língua alvo de diversos países e favorecer a aprendizagem, por meio de troca de experiências, da língua e de outras culturas. Espera-se que num futuro próximo, os professores descubram a potencialidade desse gênero e desfrutem mais um recurso virtual, como um espaço de escrita e leitura valioso para a educação.

Todos esses gêneros, e ainda os que virão com a criatividade e inovações advindas da internet, nos remete a uma maior interação social e interpessoal, a qual proporciona uma interação mundial e compartilhamento de experiências que impulsionam o desenvolvimento interativo de toda uma sociedade. Como nos lembra Lévy (1998), a internet permite uma “coordenação das inteligências em tempo real”, e atinge uma “mobilização efetiva das competências”. Por isso, na voz de Paiva (2006), “deixamos de ser seres humanos isolados para nos transformarmos em uma rede humana comunicante e conseguimos, através da mediação do computador, comunicar, ao mesmo tempo, com muitas pessoas, sem limitações de tempo e espaço”.

REFERÊNCIAS:

- BACKTIN, M. *Os gêneros do Discurso*. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BROOKS, K. *Reading, writing and teaching creative hypertext: a genre-based pedagogy*. Pedagogy. North Dakota State, 2002.
- COSTA VAL, M.G.C. *Atividades de produção de texto escritos em livros didáticos de 5 a 8 séries do Ensino Fundamental*. In: ROJO, R. & BATISTA, A. A. Livro Didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas. Mercado de Letras, 2003.
- CRYSTAL, D. *A linguagem e a internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

- ERICKSON, T. *Genre Theory as a Tool for analyzing Network-Mediated interaction: the case of the collective Limericks*. Yorktown, NY, 1998.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São paulo: Loyola, 1998.
- MARCUSCHI, L.A. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- MOORE, K. *Audioconferencing in Distance Education*. Disponível em: <http://.knight-moore.com/html/ajde8-1.html>
- PAIVA, V.L.M. (org.). *Interação e aprendizagem em Ambiente Virtual*. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001.
- _____. *E-mail: Um Novo Gênero Textual*. In: *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- _____. *Comunidades virtuais de aprendizagem e colaboração*. In: TRAVAGLIA, L.C. *Encontro na Linguagem: estudos lingüísticos e literários*. Uberlândia: UFU, 2006.
- SOUZA, R.A. *Comunicação mediada pelo computador: o caso do chat*. In: COSCARELI, C.V. (org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- XAVIER, A. C. S. *Letramento Digital e Ensino*. In: SANTOS.C.F. e MENDONÇA. M. (org) *Alfabetização e Letramento: conceitos e relações*. Autêntica. Belo Horizonte, 2005.